

acervo
maio e 23/10/85 p. B. e

RELATÓRIO DE ATAQUE DE INDIOS ARREDIOS
À ÁREA INDÍGENA KAMPA DO RIO ENVIRA-AC

CEDI - P. I. B.
DATA 11, 12, 92
COD. KPD 00027

Sr. Superintendente:

Complementando nosso Radiograma nº 528/14a.DR de 22.10.85, vamos através deste relatar acontecimentos entre índios arredios e índios Kampa da A.I. Kampa do Rio Envira de nossa jurisdição.

1. COMO SOUBEMOS DO ATAQUE:

No dia 18.10.85, sexta-feira, recebemos um telefonema de São Paulo, do escritório da Fazenda Califórnia (Grupo Atalla). O escritório tinha sido avisado via rádio da Fazenda Califórnia que é vizinha das áreas Kampa e Kulina do Rio Envira que havia tido o ataque e que dois índios Kampa necessitavam imediatamente de serem retirados da área com ferimentos.

2. NOSSO PROCEDIMENTO:

Neste mesmo dia 18.10.85, às três horas da tarde, enviamos uma aeronave até a Fazenda Califórnia para buscar os feridos. Foram no vôo, o atual responsável pelo PI Envira, servidor Francisco Mauro de Carvalho - Atendente de Enfermagem; o estagiário do Curso de Indigenismo, Sérgio Mendonça Alves e um índio Kulina, Napoleão. Chegaram tarde à Fazenda. Constataram que o ferimento de flecha recebido por um dos Kampa não necessitava seu transporte à Rio Branco. O outro índio, Miano Kampa, com o rosto cheio de caroços de chumbo, sim. Como não dava mais tempo de voltarem à Rio Branco, voaram para Feijó, onde pernoveram. No dia 19.10.85, cedo, chegaram em Rio Branco e logo internaram o índio no Hospital de Base, para cirurgia.

3. COMO FOI O ATAQUE

O estagiário Sergio Mendonça Alves, que acompanhou o índio Miano Kampa durante todo o trajeto e conversou muito com ele, nos relatou que o ataque foi no dia 17.10.85, numa aldeia Kampa acima da Fazenda Califórnia. Miano não precisou o número de atacantes. Alguns tinham espingardas cartucheiras e outros arcos e flechas. Alguns estavam nus e outros vestiam calções (!). Queimaram 7 casas Kampas, destruíram toda a colheita de feijão que os Kampa tinham acabado de colher, destruíram roças de praias. Não conseguiram matar ninguém porque havia poucos Kampa na aldeia. Após ferirem Miano e o outro (flecha) fugiram.

4. HISTÓRICO DA SITUAÇÃO

Devido a pressa nossa em enviar este Relatório, não pudemos pesquisar com mais vagar a história destes ataques. No entanto, como acreditamos que isto já seja do conhecimento de V.Sa., vale lembrar que desde 1979, estes ataques vem ocorrendo com certa frequência. O servidor Charles Kampa Forlone, que hoje deve estar na 5a. DR/FUNAI inclusive foi baleado pum destes ataques ocorridos entre 1979/80 e também participou de uma retaliação que os Kampa fizeram, onde segundo diversas pessoas aqui do Acre, aconteceram mais de 25 mortes entre os arredios.

Em 1984, o servidor Benamour Fontes veio estudar a possibilidade de uma Frente de Atração no local. Mas, ao que nos consta isto não deu em nada.

5. COMO OS KAMPA ESTÃO

Os índios Kampa do PI Envira, são praticamente independentes da FUNAI. Plantam muito, tem muita fartura, comerciam ou com a Fazenda Califórnia ou levam seus produtos até Feijó e não acreditam na FUNAI para nada. Apenas em 1977 um servidor (Saulo Petean) esteve com os mesmos. Depois disto, a passagem de Charles Kampa Forlone e o início de seus problemas. Tiveram que praticamente abandonar sua área e vir morar perto da aldeia Kulina do Igarapé do Anjo, já mais próxima à Fazenda e ao precário Posto Indígena Alto Envira que tem ali apenas um servidor, o Atendente de Enfermagem Francisco Mauro, sem as mínimas condições de trabalho e também sem muita vontade de fazer alguma coisa pelos índios da área. A cada ano, os Kampa sofrem baixas e prejuízos economicos e a FUNAI (nós) ficamos adiando o problema. Eles não suportam nem falar em FUNAI. Miano, inclusive nos disse que, quando sair do Hospital, não quer ficar na Casa do Índio.

6. PORQUE ESTES PROBLEMAS ESTÃO ACONTECENDO

A existência de grupos arredios na área é um fato. Porque estão atacando os Kampa e com armas de fogo? Embora alguns dos grupos arredios estejam no lado brasileiro, também está claro que a área de

fronteira permite que transitem entre Brasil e Peru. O que poderá estar acontecendo no Perú que os está levando a se aprofundarem em território nacional, próximos de uma Fazenda super-estruturada? Estas armas que eles ostentam, não podem vir do lado brasileiro pois, após a Fazenda, não há civilizados. Não existem civilizados porque esta área não tem nem caucho, nem seringa, nem castanha. Então, não há seringueiros, castanheiros ou caucheiros. Apenas os Kulina do PI. En vira e os próprios Kampa estão ali. Conseqüentemente, tais armas são adquiridas não sabemos por quais práticas, no Perú.

Também, não podemos esquecer que a Petrobrás andou pesquisando petróleo e gás na região, fazendo grandes picadas e explodindo bombas. Isto ocorreu no início deste ano e a FUNAI não tinha conhecimento.

As áreas indígenas dos rios das bacias do Tarauacá e Purus, estão calmas e temos certeza de que não são índios nem da Al Humaitá, Jordão, Alto Purus, quem estão atacando os Kampa.

7. O QUE FAZER

Sugerimos aqui algumas medidas que poderiam vir a acabar com esta insegurança, tanto dos Kampa, como destes arredios, que, por uma forma ou outra estão sendo empurrados para todo este risco que estão vivendo:

a) que se faça, a nível de Governo, uma consulta ao Governo Peruano sobre projetos econômicos, explorações minerais ou o que quer que seja que está ocorrendo na fronteira Peru/Brasil nas cabeceiras do Rio Envira;

b) que se libere recursos para que se monte na A.I. Kampa do Envira, um Posto de Atração, que funcione mais como Posto de Vigilância, sem a preocupação imediata de contato. Tal posto, que poderia ficar próximo à fronteira com o Peru, controlaria o movimento do Rio Envira e seria um aviso de que se estava vigilante, para se evitar novos ataques e mostraria aos Kampa que a FUNAI está realmente preocupada com eles. Um efetivo de 5 ou 6 pessoas seria suficiente, com rádio e abastecimento mensal. Para tal empreitada sugerimos o Sr. Abel de Oliveira Silva - Kanaú, profundo conhecedor dos Índios da Área, e indigenista com trabalho realizado com Kulinas e Kampas da área. Kanaú montaria a equipe e orientaria outras providências. A infra-estrutura necessária, teria que ser pensada já. A 14a. DR poderia muito bem, junto com os outros organismos que adoes-

sôram a causa indigena no Acre, fazer esta organização, desde que isto seja viabilizado. Nosso problema atual é a completa ausencia de recursos.

c) que seja dada competencia ao atual responsável pelo PI Envira, junto com outros servidores da FUNAI a fazerem um levantamento dos prejuízos materias que os Kampa sofreram desta vez para que os indenizemos. Todo o trabalho agrícola de uma safra eles perderam.

8. CONCLUSÃO

Sr. Superintendente. As nossas condições de trabalho são as mais difíceis possíveis, mas esta situação no Envira está nos preocupando muito porque se trata de grupos indígenas a se exterminarem por razões as quais desconhecemos. É nossa obrigação tentar arranjar os meios para que isto termine. Contamos com seu valioso apoio para sugestões e principalmente com a perspectiva de sensibilizar a Presidencia da FUNAI e o MINTER para que, mesmo em época de crise financeira, alguns empreendimentos tem que ser feitos face a extrema necessidade, como este caso o é.

Em anexo, estamos enviando xerox de matéria publicada no jornal "O RIO BRANCO" em 17.10.85 (até a data coincidiu com o ataque) intitulada "O Planacre vem aí. E os índios arredios, como é que vão ficar", de autoria de Abel O. Silva (Kanaú), que já citamos acima. Este artigo é bem elucidativo sobre este grupos arredios, suas possíveis localizações e até culturas.

Certos de seu entendimento e compreensão, despedimo-nos.

Rio Branco, 22 de outubro de 1985

Antônio Pereira Neto
Antônio Pereira Neto
Delegado Regional 1.ª Div. FUNAI
Porto Velho - Roraima - 68.600-000